



INTERÂMBIO

A Religião Nórdica Antiga: conceitos e métodos de pesquisa

The Old Norse Religion: concepts and methods of research

Johnni Langer*

Resumo: O presente artigo realiza uma sistematização bibliográfica e teórica dos conceitos, metodologias e abordagens envolvendo as investigações acadêmicas sobre a Religião Nórdica Antiga (Pré-cristã). Em relação aos conceitos, foi realizada uma discussão especialmente em torno das publicações em língua inglesa efetuadas dos anos 1970 até nossos dias. Para o debate metodológico, utilizamos essencialmente os arqueólogos dinamarqueses envolvidos com o projeto *Väger till Midgård* (Estradas para Midgard). O principal objetivo do trabalho é fornecer aos pesquisadores alguns parâmetros para a fundamentação de suas pesquisas sobre religião e religiosidade na Escandinávia Medieval.

Palavras-chave: Religião Nórdica; Escandinávia Medieval; Vikings; História das Religiões.

Abstract: This article presents a literature and theoretical systematization of the concepts, methodologies and approaches involving academic research on Old Norse Religion (pre-Christian). Regarding concepts, it was held a discussion especially around the English language publications made in the 1970s to the present day. For methodological debate essentially we used the Danish archaeologists involved with the project *Väger till Midgård* (Roads to Midgard). The main objective is to provide researchers with some parameters for the basis of his research on religion and religiosity in Medieval Scandinavia.

Key-words: Norse Religion; Medieval Scandinavia; Vikings; History of Religions.

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Coordenador do NEVE (*Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos*) e pesquisador do VIVARIUM/NORDESTE (Linha: *Arqueologia da Religiosidade Medieval*). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

Introdução

Em nossos dias, a mitologia nórdica constitui um tema extremamente popular, sobrevivendo nas reapropriações artísticas, na mídia, e ocupando grande parte dos estudos acadêmicos dedicados à Era Viking. Mas ela encobre uma parcela do qual ainda existem poucas fontes e do qual conhecemos apenas uma parte fragmentada: a religiosidade, as práticas relacionadas aos ritos, a cosmovisão e os significados simbólicos. Os mitos ocupam uma parte importante deste universo pré-cristão, mas eles não são sinônimos de religião nórdica antiga. A principal função deste trabalho é realizar uma rápida sistematização historiográfica dos estudos sobre religião na área escandinava, proporcionando aos pesquisadores brasileiros a oportunidade de conhecerem um pouco mais este fascinante e pouco conhecido tema dos estudos medievais.

Conceituando religião e religião nórdica

Os debates conceituais sobre religiosidade nórdica, na realidade, estão envolvidos diretamente com o próprio conceito de religião: trata-se de um assunto que sempre ocupou grande quantidade de publicações acadêmicas definir o que é religião. A abordagem mais tradicional, nascida ainda no século XVIII, era atrelada à ideia da existência de uma natureza humana predisposta ao fenômeno religioso, ou seja, a religião era um sentimento natural voltado ao sobrenatural.¹ A ideia do *Homo religiosus* foi o substrato fundamental dos estudos oitocentistas e de grande parte da fenomenologia, a exemplo de Mircea Eliade.² Este último, em suas obras, procurou mais um sistema descritivo do que explicativo, buscando uma tipologia genérica das formas e práticas religiosas³. A essência da religião era mais buscada do que a sua história. Ao construir seu modelo comparativo, Eliade buscava a essência dos fenômenos de crença, criando generalizações, regras a-históricas e interpretações irracionistas.⁴

¹ J. HERMANN, *História das religiões e religiosidades*.

² A fenomenologia consiste na ideia de atribuir uma unidade à experiência religiosa numa perspectiva claramente teológica, a exemplo de Rudolf Otto e o sagrado como essência de toda religião. Mas o teórico responsável pela popularização da fenomenologia foi Mircea Eliade, para o qual a multiplicidade dos fenômenos culturais era expressa pela mesma essência religiosa. A. AGDOLIN, *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*, pp. 43-50. Uma detalhada sistematização das críticas à teoria fenomenológica e a noção universalista do sagrado podem ser encontrada em: F. USARSKI, *Os enganos sobre o sagrado*,

³ C. CARDOSO, *Um historiador fala de teoria e metodologia*, p. 211.

⁴ J. HERMANN, *História das religiões e religiosidades*, p.321.

Já algumas das abordagens da Antropologia cultural definiram a religião como uma crença no sobrenatural, mas atuando como uma força coercitiva de uma sociedade. Criam-se pessoas qualificadas para tratar esse sobrenatural, os sacerdotes e suas técnicas, e também templos e hierarquias, originando os aspectos institucionais que são característicos das religiões.⁵

As definições conceituais da religião enquanto espaço puramente sagrado da natureza humana ou de uma dimensão a-histórica também foram recentemente criticadas pela historiografia norte-americana. Em primeiro lugar, para ela não existe consenso acadêmico nos conceitos de “religião” e “sagrado”, sendo ambos dependentes do contexto histórico e cultural. E também as perspectivas fenomenológica, semântica e conceitual da religião têm deficiências e limitações. Não existiria um padrão universal de religião: as comparações são superficiais ou deficientes, sendo a perspectiva fenomenológica denominada de pseudoteológica. O caminho alternativo seria a comparação histórica que não ofereça princípios universais ou essências a-históricas: a semelhança não necessariamente leva a uma essência humana. Os elementos comuns e coletivos das religiões levam a um modelo que não é universalista, uma referência mutável, uma categoria sem demarcação. O sagrado não necessariamente seria real ou natural, mas um conceito descritivo. O conteúdo transcendente da religião deve ser considerado como inexistente e estudado sempre a partir de um contexto cultural específico.⁶

Durante o século XIX, os primeiros estudos sobre a religiosidade nórdica antiga denominavam essa prática de “fé dos ases” ou “religião dos ases”, que mais tarde originou o termo moderno *Asatru*. Uma doutrina originada dos germanos antigos, cujo sistema religioso foi preservado pela *Edda Poética* e *Edda em Prosa*, sendo a fé e os costumes religiosos comuns a todos os povos escandinavos e preservados nos manuscritos islandeses da Idade Média Central.⁷ Essa ideia de que as fontes mitológicas serviriam como principal base para os estudos da religião nórdica nortearam os estudos até pouco tempo atrás: mitos, contos e tradições das *Eddas* formariam a base principal da fé escandinava⁸ pelo *fato de conter a noção de sagrado* – uma categoria a priori, transcendente e pertencente ao espírito humano de qualquer época.⁹

E, de certa maneira, quase todos os estudos sobre a religião nórdica publicados no século XX tiveram algum tipo de influência da fenomenologia. A famosa mitóloga

⁵ M. TITIEV, *Introdução à Antropologia cultural*, pp.290-298.

⁶ S. ENGLER, Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes.

⁷ R. KEYSER, *The religion of the northmen*.

⁸ J. BRØNSTED, *Os vikings*, p.247. Na mesma direção, o escandinavista britânico Turville-Petre analisava a religiosidade estritamente a partir das fontes literárias centro medievais: E. TURVILLE-PETRE, *Myth and Religion of the North*, pp.1-34.

⁹ M. MASSENZIO, *A história das religiões na cultura moderna*, pp.85-98.

britânica Hilda Davidson, por exemplo, cita em 1964 que essa religiosidade “*era modelo para um comportamento social e a tentativa de definir, em histórias de deuses e demônios, sua percepção das realidades interiores*”.¹⁰ Também a visão de outro pesquisador britânico, Raymond Page, de que os mitos nórdicos constituem manifestações de narrativas originadas por proezas históricas, fenômenos da natureza e sentimentos humanos¹¹ é tanto a mescla de um romantismo oitocentista quanto do conceito de que o *numinoso* seria a base de todas as crenças religiosas. Outro modo de conceituar a religiosidade nórdica proveio do estruturalismo, que parcialmente era influenciado por pressupostos culturais. Assim, para Dumézil, a religião nórdica seria a expressão ideológica da tripartição indo-europeia, de cujos mitos seriam a máxima expressão.¹²

Os pesquisadores que publicaram estudos entre 1970 a 1990 iniciaram uma nova fase nos estudos sobre a religiosidade nórdica antiga.¹³ Apesar de utilizar métodos diferentes, muitos chegaram a um denominador comum: essa religiosidade teria sido caracterizada por um falta absoluta de unidade e um complexo dinamismo. O historiador francês Régis Boyer foi pioneiro nesse referencial, inicialmente em 1974 e depois em várias publicações. Para ele, a cultura pré-cristã não possuía o conceito tradicional de religião, fé, adoração ou oração, sendo uma religiosidade empírica e sem dogmas.¹⁴ Posteriormente, adiciona os referenciais de uma prática rural, mágica e de culto aos mortos ancestrais.¹⁵ Em alguns de seus últimos trabalhos, Hilda Davidson procurou definir a religiosidade nórdica em torno de sua cultura material, recuperando a história da arte e a iconografia como bases para o estudos dos antigos ritos, também aproximando-se dos cultos dos povos celtas para análises comparativas.¹⁶ Assim, para Davidson, a religião nórdica apresentava-se com uma complexidade muito maior do que se supunha anteriormente.

¹⁰ H. DAVIDSON, *Deuses e Mitos do Norte da Europa*, p.7.

¹¹ R. PAGE, *Mitos nórdicos*, p.7.

¹² G. DUMÉZIL, *Los dioses de los germanos*, p.24. Não vamos no presente artigo examinar as diversas críticas às teorias religiosas do estruturalismo indo-europeu. Para maiores detalhes dessas reflexões e revisões realizadas pelos escandinavistas, consulte-se o trabalho: P. BOULHOSA, *A mitología escandinava de Georges Dumézil*, pp.3-31.

¹³ Para uma discussão sobre os principais pressupostos teóricos em religiosidade nórdica, dos autores oitocentistas até os pós-estruturalistas, consultar: H. DAVIDSON, Hilda. *The lost beliefs of Northern Europe*. pp.144-159; P. ORTON, *The interpretation of Old Norse Pagan myths*, pp.311-317; E. MUNDAL, *Theories, explanatory models and terminology*, pp. 285-288; M. C. ROSS, *The measures of Old Norse religion in long-term perspective*, pp.412-416; J. LANGER, *O conto de Völsi: aspectos do paganismo na Era Viking*; J. LANGER, *Religião e magia entre os Vikings*, pp.78-79.

¹⁴ R. BOYER, *Yggdrasill: la religion des anciens Scandinaves*, p.7.

¹⁵ R. BOYER, *Le Christ des barbares*, pp.17-74.

¹⁶ H. DAVIDSON, *Myths and Symbols in Pagan Europe*; H. DAVIDSON, *The lost beliefs of Northern Europe*.

Mas a obra mais importante da produção deste período, que abriu as investigações sobre o tema para um novo patamar, foi *Nordic religions in the Viking Age*, de Thomas Dubois. O livro foi instigante desde o título, alertando para a multiplicidade em vez do tradicional conceito unitário. Além disso, o autor utiliza um referencial geográfico e cultural para conceituar o paganismo nórdico: ao mesmo tempo em que este se apresenta como comunidade descentralizada de fé, estava intimamente relacionado a influências estrangeiras (vínculos econômicos, linguísticos e culturais), tornando ainda mais dinâmica essas práticas. Para definir religião, Dubois seguiu basicamente dois autores: a teoria religiosa de Karl Luckert (enquanto construção humana da realidade) e a religião como sistema cultural, de Clifford Geertz. Assim, o pesquisador enfatiza muito a dinâmica social e cultural da experiência religiosa, evitando a perspectiva fenomenológica e universalista ou atemporal.¹⁷

Na mesma década de 1990, algumas publicações reforçavam o caráter multidinâmico da religiosidade nórdica, obrigando os pesquisadores a tentarem encontrar outros caminhos conceituais para ela. Em uma coletânea de ensaios provocadores, John Mckinell atentava para a extrema *variedade* e *mudança* na experiência e criatividade religiosa pré-cristã, elaborando uma série de questionamentos sobre as fontes e as concepções tradicionais. As mudanças seriam vistas como sinal de vitalidade na religiosidade e não sinais de decadência ou derrota frente ao Cristianismo.¹⁸ Por sua vez, o norueguês Preben Meulengracht Sørensen elaborou a ideia da *interpretatio norrœna* – o paganismo tardio foi composto por influências cristãs em seus cultos e mitos, transformados dinamicamente em um hibridismo próprio, descartando a teoria da inserção de elementos cristãos nas fontes literárias após a conversão.¹⁹

Entre a década de 1990 e os anos 2000 teve início uma série de pesquisas e publicações que se tornaram a grande referência conceitual sobre o tema, com aplicações e influências diretas até nossos dias. Um grupo de diversos pesquisadores europeus,²⁰ baseados essencialmente em um referencial arqueológico e material da religiosidade nórdica, iniciou um novo patamar de investigações, polêmica, debates e temas de estudo. Em essência, esse grupo (de forma conjunta entre alguns autores ou individualmente) conclama uma “desconstrução do paganismo nórdico” (os estudos

¹⁷ T. DUBOIS, *Nordic Religions in the Viking Age*, pp.30-44.

¹⁸ J. MCKINELL, *Both one and many*, pp. 9-11; 20-27; 129-138.

¹⁹ P. M. SØRENSEN, *Religions old and new*.

²⁰ Principalmente representado pelos pesquisadores Neil Price (Universidade de Aberdeen, Escócia), Kristina Jennbert (Universidade de Lund, Dinamarca), Anders Andrén (Universidade de Estocolmo, Suécia), Catharina Raudvere (Universidade de Copenhague, Dinamarca), Jens Peter Schjødt (Universidade de Aarhus, Dinamarca), Anne-Sofie Gräslund (Universidade de Uppsala, Suécia) e Gro Steinsland (Universidade de Oslo, Noruega).

anteriores sobre religião nórdica privilegiaram o institucional e o intelectual, deixando de lado o ritual ou apenas interpretando os mitos) e uma nova imagem da prática religiosa pré-cristã, em que seus elementos internos são constantemente mutáveis e hibridizados,²¹ bem como o conceito básico de uma religiosidade integrada com a vida social, política e cotidiana.²²

Influenciado por este grupo, mais recentemente o pesquisador Andreas Nordberg realizou a mais profunda reflexão conceitual sobre a religião nórdica antiga.²³ O primeiro elemento que ele questiona é o cristocentrismo: os pesquisadores têm aplicado conceitos e ideias que têm origem no referencial de religião cristã.²⁴ Assim, essa visão levou a dois caminhos: ou se tentou abolir o termo religião para o estudo das práticas nórdicas pré-cristãs²⁵, ou criaram-se referenciais moralistas para sua interpretação.²⁶

Para Nordberg, a tentativa de retirar o termo religião denota a própria interpretação de que essas antigas práticas nórdicas foram tratadas como algum tipo de semirreligião: ela não se adequaria à categoria universal das grandes religiões históricas, reveladas e supostamente uniformes. Mas ele questiona que o próprio Cristianismo não foi

²¹ ANDRÉN, JENNBERT, RAUDVERE, *Old Norse Religion in long-term perspectives*.

²² A. HULTGÅRD, Anders. The religion of the Vikings, pp.212-213. Neste trabalho, Hultgård foi influenciado por publicações anteriores de Gro Steinsland: o conceito de mito não é idêntico ao de religião e a religiosidade nórdica pré-cristã foi essencialmente étnica, baseando sua identidade no culto. Essas ideias também foram popularizadas para pesquisadores de línguas neolatinas, como T. ANTÓN, *Ecos literários del paganismo nórdico*, pp.103-109; E. BERNÁRDEZ, pp.67-76.

²³ Um outro exemplo recente da influência do grupo dinamarquês nos estudos sobre religiosidade nórdica pré-cristã é a dissertação de mestrado em História: M. CHVALKOVSKA, *The religious roles in pré-Christian Scandinavia*.

²⁴ A. NORDBERG, Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, p.120.

²⁵ C. E. ANDERSON, *Formation and resolution of ideological contrast in the early history of Scandinavia*. p. 82. Para uma crítica detalhada aos opositores do uso do termo religião para as práticas nórdicas pré-cristãs, consultar: A. LINDBERG, The concept of religion in current studies of Scandinavia Pre-Christian Religion.

²⁶ Neste sentido, geralmente quando era tratado o confronto entre as religiosidades cristã e pagã, apontava-se a superioridade daquela que permaneceu no mundo nórdico, a exemplo das afirmativas de alguns historiadores: “tivemos a preocupação de descrever sua organização social bem como o impacto benéfico que o cristianismo, a longo prazo, exerceu sobre sua cultura [...] o cristianismo, a longo prazo, moldou, orientou e civilizou suas energias” (R. COSTA, *Vikings*, pp.5, 26); “A fé pagã deve ter sido fraca [...] aquelas crenças seriam suplantadas pela claridade da fé cristã. Uma religião que oferece ao homem comum conceitos vagos e contraditórios do que ele encontrará depois da vida não é uma religião potente e este é o caso de toda fé politeísta” (J. BRØNSTED, *Os vikings*, pp.239, 274); “parecem frequentemente obscuros e, de certo modo, primitivos [...] Pode ter parecido atraente ter um deus único em lugar dos muitos deuses que com frequência se mostravam inúteis” (E. ROESDAHL, *The Vikings*. pp.148-167). Segundo Nordberg, esses referenciais moralistas sugerem uma visão de religiosidade influenciada pelo cristocentrismo, ideias raciais e evolucionistas. A.NORDBERG, Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, p.144.

totalmente homogêneo em seu início até o advento da modernidade, tanto nas variadas formas das práticas sociais quanto nas interpretações teológicas.²⁷ Quanto ao referencial moralista, segundo Nordberg ele foi aplicado num mesmo sentido em que os viajantes e missionários do século XVIII descreviam as religiosidades de populações não cristãs pelo mundo – em que a categoria “religião” era definida a partir da experiência cristã.²⁸

Em seguida, Nordberg discute as terminologias empregadas para designar as práticas religiosas pré-cristãs e seu conteúdo ideológico. O primeiro termo, religião nórdica antiga, provém da utilização de uma categoria geográfica e temporal criada por influência dos estudos filológicos (a linguagem do nórdico antigo) e geralmente foi localizada na Era Viking (um conceito temporal construído pelos historiadores). O segundo, religião nórdica pré-cristã, enfatiza a periodização confrontada com o Cristianismo, enquanto que o popular termo paganismo possui conotações pejorativas.²⁹ Já para outro influente acadêmico, Jens Schødt, não seria correto pensar em *uma religião nórdica*,³⁰ devido ao fato de que as religiões não existem em estado “puro”, intocada por concepções e visões de mundo de outras regiões, sendo sincréticas

²⁷ A.NORDBERG, Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, p.121.

²⁸ Um autor especialmente criticado por Nordberg é Torsten Blomkvist, para o qual o termo religião deveria ser aplicado somente para o Cristianismo medieval. Segundo Blomkvist, na ilha de Gotland antes da cristianização, por exemplo, não existiria tradição ritual e religiosa. A.NORDBERG, Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, p.145. Neste mesmo caminho, a acadêmica Alexandra Sanmark utiliza um referencial de alta e baixa religião, no mesmo sentido que Blomkvist. A. SANMARK, *Power and conversion*, pp.147-181.

²⁹ O termo “pagão” originalmente veio do latim *paganus* (“aldeão”, “homem do campo”) e era aplicado às religiões politeístas em geral, mas também foi associado em algumas ocasiões às religiões monoteístas não cristãs (como Islamismo e Judaísmo). H. LOYN, *Dicionário da Idade Média*, p.285. A palavra correspondente em nórdico antigo, *heiðinn*, surgiu pela primeira vez no poema escaldico *Hákonarmál* 21 (composto em 962 d. C.) e foi influenciada pelo anglo-saxão *haden* (do qual derivou o moderno termo *heathen*). J. MCKINNELL, *On heiðr*, p.399. No contexto das sagas islandesas, geralmente *heiðinn* é utilizada em contraposição ao comportamento, ideologia e práticas do Cristianismo. J. LANGER, Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking. Não existe um termo em nórdico antigo para religião, mas uma palavra utilizada também para contrapor a prática pré-cristã à religiosidade emergente: *forn siðr* (costume antigo, o paganismo) e *inn nýi siðr* (costume novo, o Cristianismo). R. BOYER, *Yggdrasill: la religion des anciens Scandinaves*, p.7. Outros termos empregados: religião pagã, paganismo, culto escandinavo antigo, culto de fertilidade. Recentemente, a utilização do termo e do conceito do paganismo para a Era Viking foram duramente criticadas. P. STURTEVANT, *Contesting the semantics of Viking Religion*.

³⁰ Numa perspectiva muito semelhante (mas defendendo a conservação conceitual do termo religião nórdica), Maths Bertell reflete sobre a diversidade entre as diversas religiões da Escandinávia pré-cristã, não criando fronteiras, por exemplo, entre finlandeses e nórdicos. M. BERTELL, *Where does Old Norse religion end?*

e mutáveis por natureza³¹, mas por falta de melhor opção, ele próprio continua a empregar o termo religião nórdica antiga.³²

Os métodos e conceitos aplicados para investigações

Desde o século XIX, ao lado das diversas teorias, vários métodos foram aplicados no estudo da religiosidade nórdica pré-cristã, como investigações linguísticas, heurísticas, paleográficas, codicológicas e folclóricas, entre outras.³³ Não é nossa intenção neste pequeno estudo fornecer uma crítica sistemática desses procedimentos tradicionais, mas apenas apontar algumas das tendências mais recentes e inovadoras.

Arqueologia e cultura material

Apesar do uso de fontes arqueológicas não ser uma novidade nos estudos de religiosidade nórdica, pois teve início ainda na década de 1960,³⁴ foi somente com acadêmicos dinamarqueses que se iniciaram reflexões teóricas e conceituais mais profundas³⁵ a partir da década de 2000.

³¹ Ele atenta para três níveis de religiosidade: a de uma comunidade (pequena escala); a definida pela geografia, sociologia ou dogmas de um grupo (grande escala); outras compartilhadas por pessoas de certos estratos sociais como reis, líderes e seu círculo; e, por fim, as que são compartilhadas por pobres ou ricos, como nas religiões mundiais do Islamismo e Cristianismo. J. SCHJØDT, Jens Peter. Reflections on aims and methods in the study of Old Norse Religion, pp.266-267.

³² Apesar do popular uso do termo paganismo, os termos mais utilizados recentemente pelos pesquisadores do tema vêm sendo: Religião Nórdica Antiga (Old Norse Religion, ONR em inglês, em contraposição ao Cristianismo, que seria a religião nova da Escandinávia) e Religião Escandinava Pré-Cristã (Pre-Christian Scandinavian Religion, PCSR, em inglês). Do mesmo modo que Schjødt, outros pesquisadores também rejeitam o termo religião aplicado ao contexto pré-cristão, mas continuam a utilizá-lo devido ao senso moderno para delimitar o campo de pesquisa: A. ANDRÉN, *Old Norse Religion in long-term perspectives*, p.12. Para um panorama temático dos estudos de religiosidade nórdica pré-cristã em língua portuguesa, consultar os verbetes: J. LANGER, *Dicionário da Mitologia Nórdica*.

³³ Uma recente sistematização dos estudos linguísticos da religiosidade nórdica pode ser conferida em: P. JACKSON, The merits and limits of comparative philology, pp.47-64.

³⁴ Um bom exemplo é com o estudo de Hilda Davidson, que utiliza um referencial comparativo entre as fontes materiais anglo-saxônicas, celtas e nórdicas, buscando compensar as lacunas e limitações das fontes escritas e analisar especialmente as relações entre materialidade divina e imagem: H. DAVIDSON, *The lost beliefs of Northern Europe*, pp.11-36. Um crítico da utilização das evidências arqueológicas é Christopher Abram, questionando o modelo das expressões da fé pagã recuperados pela materialidade (fé e práticas religiosas e sua dinâmica com os mitos) e as interpretações de certas figuras de deuses e sua relação com as narrativas literárias. C. ABRAM, *Myths of the Pagan North*, pp.2-8.

³⁵ Integrantes do projeto multidisciplinar *Vägar till Midgård (Roads to Midgard)*, empreendido entre os anos de 2000 a 2007 e coordenado pelos professores Kristina Jennbert, Anders Andrén e Catharina

Segundo Kristina Jennbert, o interesse mais intenso por arqueologia da religião nórdica antiga na Escandinávia se efetuou a partir dos anos 1990, com algumas exposições temáticas pela Europa e grande interesse popular por temas arqueológicos e de resgate do passado. O primeiro ponto que a pesquisadora analisa diz respeito aos vários significados que as fontes materiais poderiam conter, especialmente influenciados pela arqueologia pós-processualista. Em segundo, os problemas nas reconstituições materiais de rituais e sua relação com conexões políticas e ideológicas. A terceira questão diz respeito à relação entre fontes literárias e materiais, que ocupam grande espaço nos debates da Escandinavística.³⁶ Como temas de investigação, as questões envolvendo morte e cultos fúnebres ocupam a maior atenção dos especialistas, algumas relacionando a arte rupestre da Idade do Bronze com sepulturas e iconografias do período Viking. Inclusive, a autora é da opinião que a arte rupestre seria um tipo de cultura material central aos estudos de religião, fazendo com que os pesquisadores retornem aos clássicos estudos sobre fertilidade, o sagrado, a cosmologia e o xamanismo. Os sítios envolvendo oferendas votivas e sacrifícios também vêm recebendo atenção especial. Outro tema mais recente diz respeito às conexões entre a vida cotidiana, a paisagem e a religiosidade. O meio ambiente seria saturado de interpretações culturais, e entre elas, a religião. E ao mesmo tempo, o ritual em um dado espaço físico seria conectado à interpretações cosmológicas e visões de mundo.³⁷

Em outro estudo mais recente e detalhado, Anders Andrén retoma considerações teóricas sobre a metodologia da arqueologia da religião nórdica. O primeiro elemento definido pelo autor é a manutenção do diálogo entre as fontes literárias medievais com as fontes materiais, mas também percebendo que o ritual não é simplesmente uma representação dos mitos e que a literatura contém poucas informações empíricas sobre religião. Baseado no projeto *Väger till Midgård*, Anders discute inicialmente a questão

Raudvere, do departamento de Arqueologia e História Antiga da Universidade de Lund, Dinamarca (<http://www.ht.lu.se/projekt/23>).

³⁶ Para um panorama detalhado das discussões sobre as fontes da religiosidade nórdica pré-cristã, um dos melhores estudos é: J. SCHJØDT, *Initiation between two worlds*, pp.85-107. Sobre a questão das fontes, ver também: L. HEDEAGER, *Iron Age Myth and Mentality an archaeology of Scandinavia ad 400 – 1000*, pp. 21-32; P. BIBIRE, *Myth and Belief in Norse Paganism*; C. FELL, *Christine. Paganism/Sources of evidence*.

³⁷ K. JENNBERT, Kristina. *Archaeology and Pre-Christian Religion in Scandinavia*. Um campo que vem relacionando a religiosidade com a cultura material é o estudo de imagens e iconografia nórdica pré-cristã. Um dos poucos estudos teóricos neste campo é: S. FUGLESANG, *Iconographic traditions and models in Scandinavian imagery*. Para estudos aplicados ver: N. PRICE. *What's in a name?*; A. KALIFF, & O. SUNDQVIST, *Odin and Mithras: religious acculturation during the Roman Iron Age and the Migration period*; S. RATKE, & R. SIMEK, *Guldgubber: relics of pre-Christian law rituals?*; P. SØRENSEN, *Porr's fishing expedition (Hymiskviða)*. R. HALL, *Viking Age art.*, pp.31-39; M. STERN, *Runestone images and visual communication in Viking Age Scandinavia*.

da recuperação da prática ritual. A primeira dificuldade sobre esse tema consiste nas precárias descrições literárias, que se concentram muito mais na mitologia do que na religião e também poucos dados sobre a relação entre as pessoas e os poderes divinos. Nesse sentido, os estudos toponímicos podem indicar a crença na conexão entre deuses e localidades ou grupos de pessoas e mesmo a relação entre religião e paisagem.³⁸ E também as escavações em áreas sagradas e templos ou habitações para cultos fornecem detalhadas informações sobre objetos depositados, sacrifícios e indícios de rituais. Os diferentes sítios apresentam possibilidades de conter diversidade regional nos cultos como também diversidade ritual em categoriais sociais específicas. Alguns aspectos desses cultos são desconhecidos, como danças, músicas e discursos. A etimologia também fornece algum auxílio, revelando associações rituais e sacrifícios de animais, sangue, alimentação e bebidas. Uma questão especial tratada por Andrén é a respeito da origem e desenvolvimento da religião nórdica antiga, do qual se conhece muito pouco, mas um ponto é ainda mais importante: a definição de o quanto ela foi unificada ou diversa. Apesar de a historiografia clássica apontar muito a sua unidade, diversos estudos mais recentes vêm demonstrando as variações locais, sociais e rituais dessa forma de religiosidade. E, quando pensada enquanto “forma de vida”, a diversidade dos rituais nunca pode ser entendida enquanto uniforme ou homogênea³⁹. Assim, objetos como pingentes e amuletos e pinturas rupestres possuem tanto conexão com temas mitológicos, cosmológicos quanto foram inseridos em motivos da literatura islandesa após a cristianização.

O novo comparativismo

O método comparativo foi uma das ferramentas analíticas mais utilizadas pelos acadêmicos de temas nórdicos, tanto no século XIX quanto no XX. Basicamente, seus métodos consistiam em contrapor dois ou mais sistemas mitológicos, procurando evidências de um padrão universal ou geral, aproximando-se da fenomenologia (seja a teoria dos arquétipos ou a do *homo religiosus*). Outras experiências comparativas, como a de Angelo Brelich, preocupavam-se muito mais com as individualizações do que as generalizações, procurando determinar as funções mítico-religiosas relacionadas às

³⁸ Para um estudo recente sobre religião e paisagem pré-cristã, ver: S. BRINK, *Myth and ritual in Pre-Christian Scandinavian landscape*.

³⁹ Baseada no conceito de cultos à fertilidade e as publicações de Neil Price e Gro Steinsland, a pesquisadora Anne-Sofie Gräslund analisa a dinâmica da religiosidade nórdica pela sua cultura material, também percebendo variações em alguns cultos. A. GRÄSLUND, *The material culture of Old Norse Religion*. Outro pesquisador também aponta a falta de homogeneidade e a visão de uma religiosidade nativa totalmente livre de influências externas à Escandinávia (“intocada”). S. BRINK, *How uniform was the old norse religion?*

realidades sociais e históricas de uma dada região e espaço de tempo.⁴⁰ Já o helenista Marcel Detienne critica o comparativismo clássico pela sua busca de elementos permanentes e estáveis de uma cultura a outra e seus aspectos evolucionistas, deixando a abordagem fechada em si mesma e muito esquemática. Para ele, o método comparatista deve levar em conta a dinâmica interna de todo sistema cultural, permitindo um experimentalismo na análise e uma liberdade para perceber outras facetas das divindades, do panteão, das crenças e a diversificação dos sistemas religiosos, atingindo a “rede cultural” de uma época, que entrelaça as fontes literárias, escritas e materiais.⁴¹

O método comparativo aplicado à religião nórdica antiga foi recentemente discutido pelo escandinavista Jens Schjødt. Para ele, o nível geral de comparação é caracterizado pelo fato de que as culturas envolvidas na comparação não são conectadas em uma perspectiva histórica. Existem diversas possibilidades de comparação, como a similaridade entre culturas diferentes e a similaridade entre culturas relacionadas historicamente (que possuem um patrimônio comum ou “genético”). Ele aponta quatro níveis distintos de comparação. A primeira seria uma *comparação interna*, entre as fontes e os temas da Escandinávia. Por exemplo, comparando os mitos sobre o deus Thor, podemos chegar a caminhos ou temas diferentes pela mesma cultura. Os diferentes relatos da pesca da serpente por Thor seriam reflexos de versões diferentes, fases diferentes do desenvolvimento de uma única narrativa, ou visões de mundo diferentes nas mesmas regiões e cultura? O segundo nível será relacionado à *comparação entre culturas diferentes*: existiria uma grande diferença entre as similaridades entre nórdicos e lapões com as similaridades entre nórdicos e saxões, por exemplo.⁴² O terceiro nível consistiria da comparação entre povos indo-europeus de uma mesma região, por

⁴⁰ A. AGDOLIN, *História das religiões*, pp. 77-87.

⁴¹ “Chamando a atenção para tudo aquilo que não foi dito claramente dos deuses e deusas e de seus poderes, gostaria de convidar os analistas dos conjuntos politeístas a descobrir como as potências divinas estão ligadas por dezenas de facetas ao conjunto dos objetos e dos fenômenos da vida social e do mundo natural”. M. DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*, pp.93-120. Uma discussão crítica dos principais métodos comparativos nos estudos de mitologia pode ser vislumbrada em: B. BARRERA, *Introducción a la lógica de la comparación em la mitología*.

⁴² A mitóloga Hilda Davidson realizou um importante estudo comparativo entre a religiosidade nórdica e a céltica: H. DAVIDSON, *Myths and Symbols in Pagan Europe*. Excelentes estudos recentes utilizando a perspectiva comparativa: A. HULTGÅRD, *The askr and embla myth in a comparative perspective*. Também os estudos de Etnoastronomia utilizam a nova perspectiva comparativa de culturas diferentes, como: J. LANGER, *O céu dos vikings. A pesquisa da relação entre as religiosidades da Escandinávia e a área finlandesa e báltico/circumpolar vem sendo os estudos comparados com mais respaldo na Escandinávia*. Sobre esse tema, consultar: M. BERTELL, *Maths. Contacts and eyewitnesses and micro level perspective*; T. DUBOIS, *Nordic Religions in the Viking Age*; N. PRICE, *The archaeology of seiðr*.

exemplo, entre islandeses e germanos do sul⁴³. Essa perspectiva é muito criticada pelo autor por utilizar material comparado de diferentes períodos e localidades que não permitiriam o acesso ao conhecimento da religiosidade nórdica antiga. Ele ainda discute outro método comparativo, envolvendo análise fenomenológica em diversas áreas pelo mundo, onde os níveis de diversidade (histórica, geográfica, social e cognitiva) devam ser levados também em conta.⁴⁴

Continuidade, variação e hibridização

Os estudos clássicos e tradicionais sobre religião nórdica antiga privilegiavam uma noção de continuidade absoluta e uniforme. Apesar de as novas pesquisas apontarem essa forma de religiosidade como uma unidade coerente, elas também vêm apresentando uma ênfase na diversidade e na mudança,⁴⁵ especialmente atrelada ao conceito de hibridização.⁴⁶ Essa diversidade seria especial em termos cronológicos, sociais e regionais, em que principalmente os ritos sofreriam mudanças, mas com uma certa herança em comum. Assim, elementos e motivos externos foram constantemente incorporados numa tradição, que foi sucessivamente alterada com o tempo. Os significados dessas mudanças dependeriam de diferentes contextos em que estavam funcionando.⁴⁷

Para o historiador Andreas Nordberg, toda religião muda com o tempo, mas possui uma continuidade temporal mantida pela tradição. No caso da religiosidade nórdica, ela sobreviveu após a cristianização pelo folclore e sua base tradicional teria provindo essencialmente do pangermanismo. Deste modo, os estudos sobre as similaridades e diferenças regionais devem se concentrar em alguns aspectos: variação, arcaísmo, inovação e revitalização. E os contatos com outras regiões podem servir como inovações para novos impulsos – áreas isoladas como a Escandinávia não eram sinônimo de regiões estáticas.⁴⁸ Comparando as fontes literárias com as arqueológicas, encontramos algumas

⁴³ Um estudo nesta perspectiva foi realizado pelo arqueólogo Michael Parker Pearson, considerando a religião nórdica antiga como uma variação final do paganismo pan-europeu. No ano mil, a religião nórdica conservaria muitos elementos rituais da Idade do Ferro germânica. M. PEARSON, *The origins of Old Norse ritual and religion in European perspective*.

⁴⁴ J. SCHJØDT, *Comparativism*.

⁴⁵ C. RAUDVERE, *The study of Pre-Christian Scandinavian Religions: trends and perspectives*. In: *More Than Mythology*, pp. 07-12.

⁴⁶ Sobre hibridização consultar: P. BURKE, *Hibridismo cultural*; J. LANGER, *A História e as mudanças culturais*. Para aplicações do conceito de hibridização nos estudos de mitologia e religiosidade nórdica, consultar: C. ABRAM, *Hel in early Norse poetry*; K. JENNBERT, *Animals and humans*; A. ANDREEF, *Gotlandic Picture Stone, hybridity and material culture*.

⁴⁷ A. ANDRÉN, *Old Norse Religion in long-term perspectives*, pp.13-14.

⁴⁸ A. NORDBERG, *Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion*, pp. 122-130.

situações inusitadas: por exemplo, o deus Ullr é insignificante na literatura, mas tem uma grande proeminência na toponímia sueca e norueguesa. Baseado nas pesquisas de Stefan Brink,⁴⁹ Nordberg admite que o culto aos deuses deveria ser muito mais variável e diverso do que o apresentado nos textos. Também alguns dados arqueológicos são polêmicos, como vestígios de sepultamentos. A variação regional dos diferentes funerais foi uma variedade nos ritos ou são variações culturais? Aqui o conceito de homogeneidade é questionado, acreditando alguns que se trata de variações sociais e étnicas, concedendo ao paganismo uma diversidade maior que ao Cristianismo, mas Nordberg critica essa posição. Para ele, rituais de morte não foram reflexos diretos de ideias religiosas e são influenciados por questões sociais e econômicas – assim, temos casos de variações regionais e não casos de religiões diferentes. Mais uma vez, reconhece que a religião nunca é estática.⁵⁰

Cosmologia

Tradicionalmente, os estudos de cosmologia estiveram dependentes das investigações sobre mitologia e religiosidade. Dentro de certa tendência atual, o referencial cosmológico passou a ser tratado como uma categoria específica de interpretação e análise, vinculada a uma visão de mundo na qual a noção de cosmos une-se a um conhecimento sistemático sobre a realidade, ao contrário da concepção estruturalista e comparativa, que vinculava a cosmologia a outras formas de pensamento,⁵¹ mas especialmente advindo da interpretação espacial e instrumental da arqueologia (o contexto de onde os artefatos foram descobertos). Assim, cosmologia envolveria noções de tempo, espaço, estrutura do universo, criação do mundo, fronteiras entre poderes sobrenaturais e humanos, origem dos grupos sociais, divisões entre homem e mulher, destino e morte, bem como critérios de verdade.⁵²

Um dos melhores estudos críticos sobre o tema foi desenvolvido por Jonas Wellendorf. Para ele, as principais interpretações da cosmologia nórdica podem ser sintetizadas por diversos autores (que inserimos nesta tabela) e, em seguida, pela sua interpretação:⁵³

⁴⁹ A toponímia aponta que a ampla quantidade de deuses apontados pela literatura não era de fato objeto de adoração, não sendo a religião algo homogêneo. S. BRINK, How uniform was the old Norse religion?

⁵⁰ A. NORDBERG, Andreas. Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion, pp. 132-136.

⁵¹ Mas também estaria desvinculada parcialmente do referencial religioso: C. RAUDVERE, The part of the whole.

⁵² A. ANDRÉN, *Tracing Old Norse cosmology*, pp.11-12.

⁵³ J. WELLENDORF, Homogeneity and heterogeneity in Old Norse cosmology.

AUTOR, ANO	TEORIA DA COSMOLOGIA NÓRDICA
Emil Birkelli, 1944	<i>Eixo horizontal</i> – sepulturas, montanhas da morte, reino dos mortos, Valhalla. <i>Eixo vertical</i> – Alfheim no nível superior/Hel no inferior.
Jan de Vries, 1957	<i>Eixo horizontal</i> – centro: Midgard/Utgard; leste/norte: Jotunheimr; Norte: reino dos mortos.
Aron Gurevitch, 1969	<i>Eixo horizontal</i> : pré-cristão. <i>Eixo vertical</i> : influência do Cristianismo em Snorri.
Eleazar Meletinskij, 1973/ Kirsten Hastrup, 1981	<i>Eixo horizontal</i> : noção irreversível de tempo, com começo e fim determinados. <i>Eixo vertical</i> : ordem temporal constante.
Jens Schjødt, 1990	Eixo horizontal: deuses no centro, homem no plano médio, gigantes e outros seres nas margens do oceano e um eixo vertical que se estende para baixo, mas não para cima. A localização celeste dos deuses nórdicos foi uma construção totalmente cristã e é encontrada somente na obra de Snorri Sturluson.
Jonas Wellendorf, 2006	Existem dois tipos de referências que atestam a moradia celeste dos deuses escandinavos: em primeiro, referências da poesia escáldica e éddica; segundo: várias fontes cristãs apontam a existência paralela tanto de concepções cosmológicas verticalizadas quanto horizontalizadas no imaginário medieval. <i>Conclusão</i> : as concepções nórdicas pré-cristãs e nativas foram extremamente heterogêneas, com uma múltipla visão de mundo e foi distorcida pelo referencial homogêneo imposto pelo Cristianismo em uma cosmologia essencialmente verticalizada. ⁵⁴

No caso das Eddas, as visões cosmológicas da *Edda Poética* apresentam-se de forma heterogênea, enquanto a *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson concede uma interpretação uniforme e coerente,⁵⁵ não tanto de seu referencial religioso, mas como produto de um

⁵⁴ Para um estudo sobre uma forma diferenciada de concepção cosmológica entre os nórdicos pré-cristãos, ver: C. TOLLEY, *The Mill in Norse and Finnish Mythology*.

⁵⁵ A *Edda* de Snorri é uma das fontes mais completas para se entender a cosmologia escandinava. Nela, a parte do mundo habitado pelo homem é chamada de Midgard; os deuses habitam Asgard. A região marginal não habitada por humanos é denominada de Utgard, e é separada de Midgard por rios. Ao norte, localiza-se Jotunheim, onde se situa também o reino dos mortos, Hel. Ao sul localiza-se Muspell, apresentada como perigosa, e que segundo Rudolf Simek teria sido influenciada pela religiosidade maniqueísta. O centro do sistema cósmico é a árvore conhecida como *Yggdrasill* (“cavalo de Odin”), uma referência ao fato de Odin ter se autoimolado nesta árvore (*Hávamál* 138). Ela é o centro do

hibridismo das velhas e novas visões de mundo. Segundo Catharina Raudvere, também a cosmologia envolveria significados sobre o mundo que não necessariamente estariam relacionados ao mito ou ao religioso. Ela envolveria critérios espaciais e expressões que seriam utilizados pelas narrativas míticas ou onde as ações rituais seriam realizadas, mas não de forma independente. No caso das formas textuais e imagéticas, ambas seriam conectadas à cosmologia, como nos casos das pedras pintadas de Gotland, expressando direções, mudanças, consequências e associações lógicas dos eventos, definindo fronteiras e estabelecendo ordem – ou seja, explicando posições no universo. Em um plano secundário, a cosmologia seria atrelada à ideologia e a historiografia – estabelecendo pontos de conflito entre o passado e o presente, entre a nova e a velha religião. Também a cosmologia estabelece fronteiras entre o divino e o humano, servindo para conhecer distinções na vida humana. Assim, o ritual não necessariamente seria apenas uma configuração dos mitos, mas também as manifestações de moralidades sobre o universo. Mito e cosmologia não seriam verdadeiros por causa da crença literal das pessoas, mas porque essas narrativas contam verdades sobre a sociedade, sobre o lugar dos homens na história, sobre moral e ideologias. Uma das mais importantes questões levantadas por Catharina Raudvere é a respeito da cosmologia enquanto espaço para imaginação. Analisando temas relacionados ao ciclo da *Völsunga saga*, a pesquisadora atenta para sua relação entre cosmologia, ideologia e sistema de normas para legitimar ou censurar os protagonistas – neste caso, a cosmologia funcionaria tanto como centro da narrativa literária como para uma estrutura externa – aqui, a visão de mundo não é explicitamente pagã ou cristã ou necessariamente religiosa. A narrativa (mítica, heroica ou histórica) está associada diretamente com o âmbito da imaginação.⁵⁶

Em diversos estudos de caso, arqueólogos investigaram expressões da cosmologia nórdica. Um dos mais conhecidos foi a aplicação de conceitos cosmológicos para a arte escandinava da Era do Bronze, inicialmente com Peter Gelling e Hilda Davidson em 1969 no seu famoso livro *The chariot of the Sun*, no qual analisaram imagens da arte rupestre e do famoso achado do disco solar de Trundholm, baseados na literatura

universo e o divide em três regiões cósmicas distintas em um eixo vertical: o plano celestial dos deuses, o plano intermediário dos humanos e gigantes, o plano inferior dos mortos – o submundo. Apesar deste quadro cósmico ser tradicionalmente inferido pelas fontes, a relação de Yggdrasill com os nove mundos não é muito clara, sendo difícil estabelecer as fronteiras entre eles. Alguns escandinavistas atualmente estão questionando esse modelo de interpretação, como: M. C. ROSS, *Images of Norse cosmology*. Para ela, tanto a ideia de uma *axis* vertical, quanto de três níveis e a posição celeste dos deuses foi influenciada pelo Cristianismo, não tendo base pagã, ou ainda, as referências astronômicas da poesia escáldica foram influenciadas pela tradição clássica. Não concordamos com esses pontos de vista, tendo como respaldo duas perspectivas: a de fontes visuais da Escandinávia da Era Viking e mitos de outras culturas: J. LANGER, *O céu dos vikings*. Sobre o tema, ver também: R. SIMEK. *Altnordische Kosmographie*.

⁵⁶ C. RAUDVERE, *The part of the whole*, pp.7-33.

nórdica medieval. Posteriormente, Flemming Kaul, em 1998, propõe novos esquemas cosmológicos baseados na arte rupestre, parcialmente aceito pelos pesquisadores. Em uma crítica a essas pesquisas, recentemente o arqueólogo Richard Bradley diminui a importância solar nas representações da arte pré-Era Viking, mas confirma a existência de indicações cosmológicas, simpatizando com o modelo inicial de Peter Gelling.⁵⁷

Por sua vez, analisando a fortaleza de Ismantop (Suécia), o arqueólogo Anders Andrén interpretou o sítio como sendo não um local de culto ou refúgio, mas uma construção com significado cosmológico. Utilizando nove portões (alusão a um número altamente simbólico na religiosidade nórdica, atrelado a Odin e aos nove mundos) e um poste central (alusão à árvore Yggdrasill), o local é um exemplo da nova ordem militar nórdica surgida na era das migrações, com influência romana, mas com significações nativas – legitimando o poder militar por sanções divinas ou cosmológicas.⁵⁸

Em outras pesquisas, arqueólogos vêm apontando concepções cosmológicas em vestígios de sepultamento. Monumentos em sepulturas atestam o simbolismo da porta para o outro mundo, comuns como referências simbólicas na poesia escáldica, além de referências ao centro cósmico – a *axis mundi*, representada mitologicamente pela árvore Yggdrasill e ritualmente por árvores sacrificiais e a postes ou pilares rituais, enquanto referências ao pilar cósmico (pouco atestado nas fontes mitológicas nórdicas). Também existem indícios do simbolismo das montanhas cósmicas, onde deuses foram associados a locais sagrados. Assim, a mais importante noção associada às sepulturas seria sua função como centro cósmico.⁵⁹

Em um novo e recente estudo, o arqueólogo Anders Andrén retoma o conceito cosmológico aplicado à Arqueologia como um indicativo de mudanças na religiosidade nórdica pré-cristã. Para ele, o conceito de cosmologia estaria situado entre o mito e o rito e seria modelado de acordo com as visões de mundo. A religiosidade associada com o modelo cosmológico não é mais a teologia dos modelos clássicos de história das religiões (cujo referencial era baseado na visão judaica e cristã), mas sim baseada nas mudanças das práticas sociais e no discurso religioso transcendental. Mito e ritual⁶⁰ são

⁵⁷ R. BRADLEY, Can archaeologist study prehistoric cosmology?

⁵⁸ A. ANDRÉN, A world of stone.

⁵⁹ A. NORDBERG, The grave as a doorway to the other world: architectural religious symbolism in Iron Age graves in Scandinavia. In: *Temenos*, pp. 35-63. Outros exemplos de aplicação do conceito de cosmologia em pesquisas arqueológicas: A. KALIFF, *Fire, Water, Heaven and Earth. Ritual practice and cosmology in ancient Scandinavia: an Indo-European perspective*; L. HEDEAGER, Lotte. Scandinavian “central places” in a cosmological setting. In: *Central Places in the Migration and Merovingian Periods*, pp.3-18.

⁶⁰ Para um estudo sobre a relação entre mito e rito (a interpretação de que as *Eddas* foram dramatizações rituais e sociais nos tempos pré-cristãos), ver: T. GUNNELL, *The origins of drama in Scandinavia*.

diferentes, mas relacionados, mas, ao contrário da escola antropológica inglesa, rito não é a dramatização do mito, mas um ato formalizado que cria significados. Mantido na ordem cosmológica, o ritual é um ato transformador e, neste sentido, não é apenas religioso, mas também político, jurídico e social. Mas também as noções cosmológicas não estão somente situadas nos ritos, elas também surgem e são recriadas a partir de noções advindas de sítios e monumentos. Neste caso, os estudos de cultura material deixam de ser apenas objetos de interesse semiótico nas investigações ou ter um papel menor na análise dos ritos. Agora, os estudos convergem para uma visão de que, sem o aspecto material e físico, os rituais não têm sentido social. Para Andrén, o futuro das investigações sobre cosmologia dependerá de novos modelos e teorias na arqueologia da religiosidade nórdica pré-cristã.⁶¹

Conclusão

No atual debate envolvendo estudos nórdicos medievais, percebemos muitas influências da Antropologia e da História das Religiões, sendo que a maioria dos estudos aponta para a permanência do conceito de religião e suas problemáticas. Pensamos que a aplicação do entendimento do fenômeno religioso na área escandinava pré-cristã apenas como sendo simples tradições rituais, opostas ao Cristianismo confessional e sistemático, acaba sendo muito limitada. A religiosidade nórdica antiga deve ser entendida como um sistema complexo, repleto de tradições orais, míticas, mágicas e imaginárias, que vão muito além do ritual, mesmo fazendo parte de um sistema não centralizado, dogmático e institucional.

A breve tendência de alguns acadêmicos, de substituir o conceito de religião para “antigos costumes” no mundo nórdico pré-cristão, advindo do termo *forn siðr*, também vem sendo duramente criticada: traz mais problemas do que soluções⁶². Os denominados novos estudos comparativos vêm concedendo novos parâmetros conceituais, que, conjugados com as perspectivas da Arqueologia e da cultura material, podem oferecer novas abordagens de investigação para o fenômeno religioso nesta região.

O estudo da religião nórdica antiga oferece um novo patamar de discussões sobre metodologias e teorias nas investigações sobre os rituais e as religiosidades. A própria noção dos conceitos sobre religiões é discutida em novos horizontes. Com isso, as pesquisas envolvendo a materialidade das antigas crenças na Escandinávia pré-cristã podem ser conduzidas a partir da escolha de novos temas, como a relação entre aspectos

⁶¹ A. ANDRÉN, *Tracing Old Norse cosmology*, pp. 11-20.

⁶² A. LINDBERG, *The concept of religion in current studies of Scandinavia Pre-Christian Religion*, p.114.

funcionais e cosmologia, a ideologia que envolveu os funerais e sepultamentos, novas questões de gênero e identidade, ritos de passagem, entre muitos outros.

Mas também a Arqueologia das religiões oferece perspectivas instrumentais para se analisar descobertas de vestígios em épocas que não havia possibilidade de efetuar maiores contextualizações, a exemplo das investigações de Poul Nordlund entre os anos de 1935-1942 na Dinamarca.

Em especial a perspectiva material da religiosidade nórdica deve buscar entender a visão de mundo pré-cristã, assentada especialmente numa relação dinâmica e variável do fenômeno religioso na área escandinava. Não mais uma visão de religião confessional, centralizada e dogmática, mas uma concepção que procure essencialmente caracterizá-la como submetida a constantes variações no tempo, espaço e categorias sociais (hibridismos), mas, ao mesmo tempo, concedendo certa unidade coerente a ela enquanto experiência cultural.

Uma questão essencial aos arqueólogos das religiões e que também está presente nos estudos nórdicos de cultura material são as relações temporais e espaciais entre forma e conteúdo, uma relação não constante e cujo significado depende das condições sociais e culturais. Neste sentido, as perspectivas cosmológicas e funerárias abrem novas possibilidades de interpretações sobre a religiosidade pré-cristã.

Muito mais do que apenas informar novos dados aos historiadores e pesquisadores das outras ciências humanas, os estudos da religiosidade nórdica antiga oferecem novos caminhos interpretativos e metodológicos, indispensáveis a todos aqueles que procuram entender melhor o papel dos mitos e crenças no mundo antigo e medieval.

Referências Bibliográficas

ABRAM, Christopher. Hel in early Norse poetry. *Viking and Medieval Scandinavia*, VMS 2 (2006), pp.1-29.

AGDOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ANDERSON, Carl Edlund. Scandinavian religion & politics in relation to Christian Europe. *Formation and resolution of ideological contrast in the early history of Scandinavia*. Dissertação de Doutorado em Estudos Nórdicos, Universidade de Cambridge, 1999.

ANDREEF, Alexander. Gotlandic Picture Stone, hybridity and material culture. In: Cornell, Fredrik Fahlander (ed.): *Archaeologies of social space and interaction*. Cambridge: Cambridge Scholars Press 2007, pp.242-258.

ANDRÉN, Anders. A world of stone: warrior culture, hybridity, and Old Norse cosmology. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp. 33-38.

ANDRÉN, Anders. Behind Heathendom: archaeological studies of Old Norse Religion. *Scottish Archaeological Journal* 27(2), 2005, pp.105-138.

ANDRÉN, Anders. *Tracing Old Norse cosmology: the world tree, middle earth, and the sun from archaeological perspectives*. Lund: Nordic Academic Press, 2014.

ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina. Old Norse religion: some problems and prospects. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp.11-15.

ANTÓN, Teodoro Manrique. *Ecos literários del paganismo nórdico: estudios de los motivos precristianos en la Saga de Gísli Súrsson*. Tese de Doutorado em Filologia pela Universidade de Salamanca, 2000.

BERNÁRDEZ, Enrique. Sobre algunas ideas religiosas de los germanos. *Los mitos germánicos*. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

BARRERA, Bermejo. Introducción a la lógica de la comparación em la mitología. In: *Gallaecia*, 22 (2003), pp. 471-486.

BERTELL, Maths. Where does Old Norse religion end? Reflections on the term Old Norse religion. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina & RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp.298-302.

BIBIRE, Paul: Myth and Belief in Norse Paganism, *Northern Studies*, 29,1992, p.1-23.

BOULHOSA, Patricia Pires. A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade. *Brathair* 6(2), 2006.

BOYER, Régis. *Le Christ des Barbares: Le Monde nordique (IXe-XIIIe siècle)*, Paris: Cerf, 1987.

BOYER, Régis. *Yggdrasill: la religion des anciens Scandinaves*. Paris: Payot, 1981.

BOYER, Régis. Essai sur la mentalité religieuse des anciens Scandinaves. *Le Christ des barbares: Le monde nordique (IX-XIII siècle)*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1987.

BRADLEY, Richard. Can archaeologist study prehistoric cosmology? In: Andrén, A., Jennbert, K. and Rautvere, C. (eds.) *Old Norse Religion in Long-term Perspective*. Nordic Academic Press, Lund, pp.16-20.

BRINK, Stefan. Myth and ritual in Pre-Christian Scandinavian landscape. In: NORDEIDE, S. W.; BRINK, Stefan (eds.). *Sacred sites and holy places: exploring the sacralization of landscape through time and space*. London: Brepols Publishers, 2013, pp.33-51.

BRINK, Stefan (eds.). *Sacred sites and holy places: exploring the sacralization of landscape through time and space*. London: Brepols Publishers, 2013

BRINK, Stefan: How uniform was the old Norse religion? In: Quinn, J.; Heslop, K.; Wills, T. (eds.). *Learning and Understanding in the Old Norse World: Medieval Texts and Cultures of Northern Europe*. Brepols, pp.105-136.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

BRØNSTED, Johannes. Crenças religiosas e costumes referentes ao sepultamento dos mortos. *Os vikings*. São Paulo: Hemus, s.d. (Original de 1958).

CARDOSO, Ciro.. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: Edusc, 2005.

CHVALKOVSKA, Marketa. *The religious roles in pré-Christian Scandinavia*. University of Aberdeen, 2013.

DAVIDSON, Hilda R. E. *Deuses e Mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004 (Original de 1964).

DAVIDSON, Hilda. *The lost beliefs of Northern Europe*. New York: Routledge, 2001.

DAVIDSON, Hilda. *Myths and Symbols in Pagan Europe: Early Scandinavian and Celtic Religions*. Manchester: Manchester University Press, 1988.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

DUBOIS, Thomas A. *Nordic Religions in the Viking Age*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1999.

DUMÉZIL, Georges. *Los dioses de los germanos: ensayo sobre la formación de la religión escandinava*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1990.

ENGLER, Steven. Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes. *Rever: Revista de Estudos de Religião* 4, 2004, pp.27-42.

FELL, Christine. Paganism/Sources of evidence. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *The Viking World*. London: Frances Lincoln, 2001, pp.174-178

FUGLESANG, Signe Horn. *Iconographic traditions and models in Scandinavian imagery*. 13th International Saga Conference, Durham University, 2006.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. The material culture of Old Norse Religion. In: BRINK, Stefan (ed.). *The Viking world*. London: Routledge, 2012, pp.249-256.

GUNNELL, Terry. *The origins of drama in Scandinavia*. London: D. S. Brewer, 1995.

HALL, Richard. *Viking Age Art*. Viking Age Archaeology. London: Shire, 2010.

HEDEAGER, Lotte. Scandinavian 'central places' in a cosmological setting. In: *Central Places in the Migration and Merovingian Periods: Papers from the 52nd Sachsensymposium*, Lund, 2001.

HEDEAGER, Lotte. *Iron Age Myth and Mentality an archaeology of Scandinavia ad 400 – 1000*, Abington & New York: Routledge, 2011.

HERMANN, Jaqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da história*. RJ: Campus, 2010, pp. 315-336.

HULTGÅRD, Anders. The religion of the Vikings. In: BRINK, Stefan (Ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008, pp.211-218.

HULTGÅRD, Anders. The askr and embla myth in a comparative perspective. In: ANDRÉN; JENNBERT; RAUDVERE (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp. 58-62.

JACKSON, Peter. The merits and limits of comparative philology: old norse religious vocabulary in a long-term perspective. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (Eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, pp.47-64.

JENNBERT, Kristina: *Animals and humans*. Recurrent Symbiosis in Archaeology and Old Norse Religion, Lund: Nordoc Academic Press 2011.

JENNBERT, Kristina. Archaeology and Pre-Christian Religion in Scandinavia. *Current Swedish Archaeology* 8, 2000, pp.127-142.

KALIFF, Anders. *Fire, Water, Heaven and Earth. Ritual practice and cosmology in ancient Scandinavia: an Indo-European perspective*. Lund: Riksantikvarieämbetet, 2007.

KALIFF, Anders & SUNDQVIST, Olof. Odin and Mithras: religious acculturation during the Roman Iron Age and the Migration period. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp.212-217.

KEYSER, Rudolph. *The religion of the northmen*, 1854. Originalmente publicado em norueguês: *Nordmændenes religionsforfatning i hedendommen* (1847). Disponível em: <http://www.norron-mythologi.info/diverse/ReligionOfNorthmen.pdf> Acesso em 30 de junho de 2014.

LANGER, Johnni. Cultura e religiosidade. O conto de Völsi: aspectos do paganismo na Era Viking. *Relens Thréskeia: revista de estudos e pesquisas em religião* 2(2), 2013, pp.105-112.

LANGER, Johnni. A História e as mudanças culturais. In: *História, Questões & Debates*, n. 57, jul./dez. 2012, pp. 273-277.

LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário da Mitologia Nórdica: símbolos, mitos, ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.

LANGER, Johnni. O passado e o futuro dos estudos de religiosidade viking. Religião e magia entre os Vikings. *Brathair* 5(2), 2005, pp.55-82.

LANGER, Johnni. O céu dos vikings: uma interpretação etnoastronômica da pedra rúnica de Eckelbo (Gs 19). In: *Domínios da imagem*, 6(12), 2013, pp.97-112

LANGER, Johnni. Pagãos e cristãos na Escandinávia da Era Viking. *Revista Brasileira de História das Religiões* 4(10), 2011, pp.1-22.

LINDBERG, Anette. The concept of religion in current studies of Scandinavia Pre-Christian Religion. *Temenos* 45(1), 2009, pp. 85-119.

LOYN, Henry R. (org.) *Dicionário da Idade Média*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MASSENZIO, Marcello. *A história das religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005.

McKINNELL, John: On heiðr. *Saga-Book*, 25/4 (2001), pp.394-417.

McKINNELL, John. *Both one and many: essays on change and variety in late Norse heathenism*. Roma: Il Calamo, 1994.

MUNDAL, Else. Theories, explanatory models and terminology: possibilities and problems in research on Old Norse mythology. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006.

NORDBERG, Andreas. The grave as a doorway to the other world: architectural religious symbolism in Iron Age graves in Scandinavia. *Temenos* 45(1),2009, pp.35-63.

NORDBERG, Andreas. Continuity, change and regional variation in Old Norse Religion. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (Eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, pp.119-151.

ORTON, Peter. The interpretation of Old Norse Pagan myths. In: MCTURK, Rory (Org.). *Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. New York: Blackwell, 2007.

PAGE, Raymond Ian. *Mitos nórdicos*. São Paulo: Centauro, 1997.

PEARSON, Michael Parker. The origins of Old Norse ritual and religion in European perspective. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp. 86-90.

PRICE, Neil. What's in a name? An archaeological identity crisis for the Norse gods (and some of their friends). In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp. 179-183.

PRICE, Neil. The archaeology of seiðr. In: *Brathair*, 4 (2), 2004, pp.109-126.

RATKE, Sharon & SIMEK, Rudolf. Guldgubber: relics of pre-Christian law rituals? In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp. 259-266.

RAUDVERE, Catharina. The part of the whole: cosmology as an empirical and analytical concept. *Temenos* 45(1), 2009, pp.7-33.

RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (Eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012.

ROSS, Margaret Clunies. Images of Norse cosmology. In: Anlezark, Daniel (ed.). *Myth, Legends, and Heroes: Essays on Old Norse and Old English Literature in Honour of John McKinnell*. Toronto: University of Toronto Press, 2012, pp.53-75.

ROSS, Margaret Clunies. The measures of Old Norse religion in long-term perspective. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006.

SANMARK, Alexandra. Pre-Christian religious custom and early Christianity in Scandinavia. *Power and conversion: a comparative study of Christianization in Scandinavia*. Tese de Doutorado em Arqueologia e História Antiga, University College London, 2004.

SCHJØDT, Jens Peter. *Initiation between two worlds: structure and symbolism in pre-Christian Scandinavian religion*. Odense: The University Press of Southern Denmark, 2008.

SCHJØDT, Jens Peter. Comparativism. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (Eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, pp.275-280.

SCHJØDT, Jens Peter. Reflections on aims and methods in the study of Old Norse Religion. In: RAUDVERE, Catharina; SCHJØDT, Jens Peter. (Eds.). *More Than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*. Lund: Nordic Academic Press, 2012, pp. 263-287.

SIMEK, Rudolf. *Altnordische Kosmographie*. Studien und Quellen zu Weltbild und Weltbeschreibung in Norwegen und Island vom 12. bis zum 14. Jahrhundert, Berlin/New York, de Gruyter, 1990

SØRENSEN, Preben Meulengracht. Þorr's fishing expedition (Hymiskviða). In: ACKER, Paul (ed.). *The Poetic Edda: essays on Old Norse Mythology*. London: Routledge, 2002, pp.119-138.

SØRENSEN, Preben Meulengracht. Religions old and new. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford illustrated history of the Vikings*. New York: Oxford University Press, 1997, pp. 204-205.

STERN, Marjolein. Runestone images and visual communication in Viking Age Scandinavia. Tese de doutorado em Estudos Nórdicos, Universidade de Nottingham, 2013.

STURTEVANT, Paul. Contesting the semantics of Viking Religion. *Viking and Medieval Scandinavia* 8(1), 2012, pp.261-278.

TITIEV, Mischa. *Introdução á Antropologia cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1979.

TOLLEY, Clive. The Mill in Norse and Finnish mythology. In: *Saga-Book*, 24, 1994-1997, pp.63-82.

TURVILLE-PETRE, E. O. G. The sources. *Myth and Religion of the North: the religion of Ancien Scandinavia*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1964.

USARSKI, Frank. Os enganos sobre o sagrado: uma síntese da crítica ao ramo clássico da fenomenologia da religião e seus conceitos-chave. *Rever: Revista de Estudos de Religião* 4, 2004, pp.73-95.

WELLENDORF, Jonas. Homogeneity and heterogeneity in Old Norse cosmology. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse Religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, pp.50-53.

Recebido: 07/12/2015

Aprovado: 15/03/2016